



### **O ADICTO EM RECUPERAÇÃO E OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UM OLHAR GESTÁLTICO SOBRE OS SENTIDOS PRODUZIDOS**

*The addict in recovery and love relationships: a gestaltic look at the senses produced*

*El adicto en recuperación y las relaciones amorosas: una mirada gestaltica a los sentidos producidos*

**Dionatans Godoy Quinhones**  
**Fábio Henrique Alves Cipriano**

**Resumo:** A dependência química é uma problemática que se instalou nas relações humanas, sendo considerada pela Organização Mundial da Saúde como um dos problemas de saúde mais graves do último século. Há carência de estudos que abordem a adicção a partir da ótica do indivíduo adicto. O objetivo deste estudo foi investigar, por meio da Gestalt-terapia, quais as percepções e sentidos produzidos por indivíduos adictos sobre o relacionamento amoroso no âmbito da sua recuperação. O método fenomenológico, qualitativo e exploratório foi utilizado, e os participantes responderam a um questionário semiestruturado contendo 12 questões, cinco fechadas e oito abertas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Os resultados apontam sujeitos com maior tempo de abstinência, casados ou solteiros, que demonstraram a importância do relacionamento amoroso, referindo-se como algo bom para seu desenvolvimento e sua recuperação, tendo clareza dos limites de sua fronteira de contato. Para aqueles sujeitos cujos limites são claros, o relacionamento amoroso tem sentido positivo e satisfatório em suas vidas. Entretanto, para aqueles cuja formação de figura e de fundo é ofuscada, conforme identificado nos sujeitos com perfil de pouco tempo de abstinência, o relacionamento amoroso traz um sentido negativo, de substituição da droga.

**Palavras-chave:** Gestalt-terapia; Relacionamentos Amorosos; Dependência Química.

**Abstract:** Chemical dependence is a problem that has settled in human relationships, being considered by the World Health Organization, one of the most serious health problems of the last century. There is a lack of studies that address addiction from the point of view of the addicted individual. The objective of this study was to investigate, through Gestalt-Therapy, what are the perceptions and meanings produced by addicted individuals about the love relationship in the context of their recovery. The phenomenological, qualitative and exploratory method was used. Participants answered a semi-structured questionnaire containing 12 questions, five closed and eight open. The research was approved by a Research Ethics Committee. It turned out that subjects with longer periods of abstinence, married or single, demonstrated the importance of a loving relationship, referring to it as something good for their development and recovery. This provided that, having clarity of the limits of your contact border. For those subjects who have clear boundaries, the love relationship has a positive and satisfying meaning for their lives. However, for those whose formation of figure and background is blurred, as identified in subjects with a profile of short abstinence time, the love relationship brings a negative meaning, of drug substitution.

**Keywords:** Gestalt-Therapy; Love Relationships; Chemical Dependency.

**Resumen:** La dependencia química es un problema que se ha asentado en las relaciones humanas, siendo considerado por la Organización Mundial de la Salud, uno de los problemas de salud más graves del último siglo. Faltan estudios que aborden la adicción desde el punto de vista del adicto. El objetivo de este estudio fue investigar, a través de la Terapia Gestalt, cuáles son las percepciones y significados producidos por individuos adictos sobre la relación amorosa en el contexto de su recuperación. Se utilizó el método fenomenológico, cualitativo y exploratorio. Los participantes respondieron un cuestionario semiestruturado que contenía 12 preguntas, cinco

cerradas y ocho abiertas. La investigación fue aprobada por un Comité de Ética en Investigación. Resultó que los sujetos con períodos más largos de abstinencia, casados o solteros, demostraron la importancia de una relación amorosa, refiriéndose a ella como algo bueno para su desarrollo y recuperación. Esto siempre que, teniendo claridad de los límites de su frontera de contacto. Para aquellos sujetos que tienen límites claros, la relación amorosa tiene un significado positivo y satisfactorio para sus vidas. Sin embargo, para aquellos cuya formación de figura y fondo está desdibujada, como identificados en sujetos con un perfil de tiempo de abstinencia corto, la relación amorosa trae un significado negativo, de sustitución de drogas.

**Palavras clave:** Terapia Gestalt; Relaciones Amorosas; Dependencia Química.

---

## INTRODUÇÃO

Embora existam muitas discussões sobre dependência química, abordar esse tema a partir da perspectiva do dependente químico – que doravante neste trabalho será tratado como adicto – é uma estratégia de aproximação necessária para uma compreensão mais encarnada desse fenômeno. A dependência química é uma problemática que há muito tempo se instalou nas relações humanas, sendo considerado pela Organização Mundial da Saúde como um dos problemas de saúde mais graves do último século. Não se trata apenas do uso/abuso de drogas, engloba todo um complexo contexto biopsicossocial (Oliveira, 2007).

Situar a dependência química no âmbito dos problemas de saúde que exigem um olhar holístico ainda é muito recente. Até o séc. XVIII, a dependência química era vista sob a ótica da moral e compreendida como uma conduta pecaminosa. A partir do séc. XIX, passou a ser encarada pelo viés biologicista, pelo qual eram considerados apenas aspectos físicos e genéticos, para então, no séc. XX, vir a ser considerada uma questão de saúde pautada por um conjunto de aspectos psicológicos, comportamentais, familiares, socioeconômicos, culturais e históricos (Ribeiro & Laranjeira, 2016).

Hoje, portanto, a aproximação ao tema da adicção pode ser feita a partir de diferentes pontos de partida. Neste artigo o tema dos relacionamentos amorosos foi escolhido pois, partindo de Cardella (1994), observa-se que o humano vive uma busca constante por amor com o propósito de se sentir completo e pleno. Essa dimensão expressa a centralidade das relações amorosas na constituição, organização e desenvolvimento das pessoas. Diante disso, pode-se pressupor que as relações amorosas na experiência do adicto têm um potencial protetivo (quando funcionais), ou de vulnerabilização (quando disfuncionais). Compreender essa dinâmica a partir das experiências narradas pelos participantes da pesquisa é o foco deste trabalho.

Outra questão importante foi situar essa discussão tendo por pano de fundo o conceito de vivência de Dilthey (2008). Esse conceito permite colocar em primeiro plano as experiências vividas pelos sujeitos, o modo como eles apreendem uma determinada situação lhe atribuindo

um sentido e operando uma ação a partir disso. Essa compreensão desloca para o segundo plano as teses e teorias sobre o mundo objetivo, onde as vivências teriam de ser conformadas a uma realidade pré-existente.

Esse foco na experiência dos sujeitos e nos sentidos que eles produzem expressa muito bem o propósito da Gestalt-terapia, tomado e sintetizado neste trabalho a partir do texto do Professor Jorge Ponciano Ribeiro (2022). Entende-se que o foco que a Gestalt-terapia oferece à vivência imediata no aqui-agora é uma maneira de promover uma reaproximação com o mundo de forma mais originária, sensível e integral, compreendendo a pessoa como “intersubjetividade e intencionalidade (...) que se coloca no mundo, fenomenologicamente, como um ser de relação, um ser ético, comprometido com o outro” (Ribeiro, 2022, p. 76). Desta forma, assume-se que os relacionamentos amorosos se tornam um *locus* privilegiado a partir do qual é possível visualizar essa dinâmica de integração de si com o mundo e com o outro. Isso pode ser chamado de “olhar” gestáltico, que, ao ser dirigido aos sentidos produzidos por indivíduos adictos em recuperação, visa identificar como um relacionamento pode ser considerado um fator de proteção, integração e crescimento ou quando se torna um fator de vulnerabilidade para este adicto.

A Gestalt-terapia, de acordo com Oliveira (2007), considera o fenômeno como um todo. Essa compreensão, quando aplicada à experiência humana, se ampara na compreensão de Smuts (citado por Ribeiro, 2022), de que essa totalidade não tem um fim em si mesma, mas trata-se de uma teia de relações em que cada parte coopera com a outra. Um ser é um todo à medida que sabe de si, tem consciência de sua individualidade e de sua permanência. Mas cada todo relaciona-se a um tudo. Cada papel só é possível ser desempenhado à medida em que a pessoa entende sua implicação na relação com outro. Nesse sentido, compreender as próprias necessidades e o modo como elas impactam nas outras pessoas ao redor é fundamental para a constituição de uma experiência autêntica de crescimento.

Uma das teses gestálticas que expressa bem essa dimensão é a produção de homeostase a partir da distinção da figura-fundo como aspecto da adaptação ao mundo e ao outro. No entanto, a formação de uma figura forte não é automática. Ela exige cuidado e atenção. Contato e *awareness*. Em um organismo saudável existe uma dinâmica espontânea e criativa, baseada na fruição, no processo de contato com o meio. Didaticamente pode-se estabelecer que essa dinâmica parte, em um primeiro momento, da identificação das necessidades ou formação da figura, em seguida é preciso deliberar, ou seja, avaliar as reais condições pessoais e as ofertadas pelo meio para alcançar a satisfação da necessidade. E, por fim, há efetivação do contato por meio da ação orientada; ou, dito de outra forma, pela busca efetiva da solução vindoura (Perls,

Hefferline & Goodman, 1997). Entretanto, indivíduos adictos que não estão em seu equilíbrio ótimo, não conseguem perceber suas necessidades mais iminentes ou estabelecer uma boa relação com o meio para que tais necessidades sejam identificadas ou satisfeitas (Oliveira, 2007).

Quando o adicto está em recuperação, espera-se que este seja capaz de perceber melhor essa dinâmica, ou seja, espera-se que entenda as suas necessidades e busque se relacionar criativamente com outras pessoas, em vários contextos, como uma forma de crescimento saudável. No que diz respeito ao relacionamento amoroso, as demandas são mais complexas, o envolvimento é mais profundo e as fragilidades podem se apresentar de forma mais intensa. Portanto, é necessário que haja uma construção de uma relação madura que viabilize os processos de recuperação, atuando como uma experiência de suporte e de evitação da recaída, funcional e potencializadora de crescimento para ambos.

Contudo, não é raro no acompanhamento clínico de adictos em recuperação identificar uma busca por relacionamentos que se concretizam de forma disfuncional, o que significa agir por impulso, sem clareza sobre si e sobre o outro; ou mesmo situando o outro na centralidade da relação, colocando-se em vulnerabilidade frente a recaídas. Nessa dinâmica, o relacionamento acaba se tornando uma substituição de sua droga de preferência e impedindo a construção de uma relação saudável com o meio e com o outro.

Neste artigo, busca-se fazer uma investigação, a partir de um olhar gestáltico, sobre quais as percepções e sentidos produzidos sobre o relacionamento amoroso para o indivíduo adicto. Pretende-se problematizar, por meio de suas vivências, como os relacionamentos podem ser potencializadores da recuperação ou, na outra extremidade, um fator de vulnerabilização e risco para a recaída. Para tanto, 10 indivíduos adictos participaram desta pesquisa respondendo a um questionário semi-estruturado. As respostas foram analisadas a partir da chamada “redução psicológica” (Giorgi & Sousa, 2010), a fim de identificar os sentidos e as percepções sobre seus relacionamentos amorosos presentes nos discursos dos participantes. Essa estratégia visa identificar as unidades de sentido presentes no discurso dos entrevistados e se caracteriza como um método fenomenológico de investigação.

## CARACTERIZAÇÃO DO INDIVÍDUO ADICTO

Apesar de não ser o foco deste artigo, é importante caracterizar o adicto a partir da literatura disponível, tendo em vista que os sentidos e percepções analisados são produzidos por pessoas que vivem sob essa alcunha. Portanto, algumas notas são necessárias. A fim de

fornecer um primeiro direcionamento do tema, recorre-se à definição de adicto presente no Dicionário Houaiss (Houaiss & Villar, 2009), que define o termo, do latim *addictus*, como um adjetivo: afeiçoado; dedicado. Essa caracterização apresenta elementos bem significativos, pois traz uma compreensão responsável por vincular aspectos afetivos e pessoais à uma dimensão relacional e comportamental, além de expressar em grande medida o caráter sistêmico da adicção, podendo esta ser vinculada a praticamente todas as dimensões da vida.

A definição dada por uma literatura mais especializada, como a de Narcóticos Anônimos (1993), utiliza um significado próprio, propondo “adicto” como todo indivíduo, homem e/ou mulher, cuja vida foi controlada pelas drogas em um estado de total submissão, compreendendo como um problema de ordem física, mental e espiritual. O “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (DSM-5) (APA, 2014), por sua vez, classifica adicção como um transtorno por uso de substância, tendo como característica essencial a presença de um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais, fisiológicos e sociais, sendo estes: tolerância, em que há necessidade de quantidades cada vez maiores de substâncias; compulsão, fissura ou forte desejo de usar; perda de controle sobre o uso devido à frequência e quantidades cada vez maiores ou por período mais longo que o pretendido, seguido de um desejo persistente ou esforços mal sucedidos para reduzir ou controlar o uso; síndrome de abstinência, tendo que usar para diminuir os sintomas; negligência de atividades sociais, onde atividades recreacionais, ocupacionais são abandonadas ou reduzidas devido ao aumento de tempo gasto em atividades necessárias para obtenção da substância; continuar usando apesar de ter consciência de algum prejuízo, físico ou psicológico (APA, 2014).

Essa compreensão se alicerça em esforços iniciados nos anos 1960, com a finalidade de promover diferenciações mais apuradas nos padrões de consumo de drogas. Nesse período surgiram os termos dependência psíquica e dependência física que figuraram no DSM-4 (APA, 2002). Isso representou certo avanço sobre a definição do que seria conhecido, nos anos 1970, como “síndrome de dependência”. Tal avanço se justifica pelo estabelecimento de três pressupostos básicos, a saber, físico, psíquico e social, servindo de base para a elaboração da definição atual do DSM-5 (Ribeiro & Laranjeira, 2016).

A evolução do conceito especializado de dependência química alinhada à definição oferecida pelo dicionário Houaiss (Houaiss & Villar, 2009), permite perceber que o caráter sistêmico da dependência faz que o adicto manifeste compulsão, desejo incontrolável, incapacidade de discernimento e necessidade cada vez maior não apenas por uma substância entorpecente, mas por pessoas, atividades ou outras substâncias socialmente aceitáveis. Dessa

forma, para um indivíduo adicto, o relacionamento amoroso pode, em certa medida, ser tomado como um substituto da droga de preferência.

Porém, essa afirmação precisa ser confrontada com as experiências reais dos adictos, caso a caso, do contrário corre-se o risco de produzir um discurso taxativo e rotulador sobre a dinâmica de constituição de um relacionamento amoroso para um adicto. Por isso, considerar a perspectiva direta das vivências dos adictos talvez seja um dos fatores mais centrais para a construção de estratégias de prevenção da dependência e das recaídas, bem como a recolocação de que a adicção é uma experiência da pessoa e não a pessoa em si ou em sua totalidade.

## OLHAR DA GESTALT-TERAPIA PARA A PESSOA

Tendo como seu principal precursor Frederick Salomon Perls, a Gestalt-terapia tem suas filosofias de base na Fenomenologia, no Humanismo e no Existencialismo (Ribeiro, 2022). De acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1997), ela compreende o indivíduo de forma unitária, ou seja, como um todo (Gestalt). A teoria do *self* é uma estratégia de explicação sobre os modos como essa totalidade se manifesta no mundo. O *self* é um sistema de contatos e agente de crescimento do organismo no meio, de maneira que o organismo cresce ao assimilar do ambiente aquilo que é nutritivo para si. Entende-se, pois, que “a pessoa é um sistema integrado de sentir, de pensar, de fazer e de falar” (Ribeiro, 2022, p. 73).

Portanto, ser pessoa implica uma constante tomada de consciência sobre si mesmo e sobre o mundo à sua volta. Quanto melhor é a consciência, mais a pessoa se individualiza e se dá conta das relações que estabelece, até chegar ao ponto de perceber que só é possível ser pessoa em relação, mas sem subsumir o outro no mesmo e vice-versa. Sendo essa atitude de atenção voltada para si, para o meio e para o outro, portanto, uma das compreensões dadas ao conceito de *awareness*.

A noção de *awareness* pode ser sintetizada como um saber da experiência caracterizado pelo contato, pelo sentir, pelo excitação e pela formação das *gestalten*. Sendo tanto o contato indispensável quanto o saber com o que se está em contato, o sentir determina a natureza da *awareness*, seja perto (tátil), longe (acústica) ou dentro da pele (proprioceptiva). Quanto ao excitação, este abrange desde as manifestações espontâneas da fisiologia, como um rubor na face, uma agitação motora ou formigamento na barriga, até as emoções indiferenciadas, ou seja, aquelas que ainda não foram linguisticamente representadas, apenas sentidas como afetação (Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Desta forma, uma formação de *gestalten* acontece sempre seguida da *awareness*, que poderá produzir homeostase e crescimento somente quando forem completas e abrangentes em um movimento de formação de uma figura orientada por um fundo. Quanto melhor for a *awareness*, mais forte será a figura formada, a identificação da necessidade mais emergente será mais fácil e a deliberação necessária para a conquista da saciedade e do crescimento acontecerá de maneira mais fruída (Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Entretanto, segundo os mesmos autores, toda *Gestalt* incompleta pode ser representada por uma situação inacabada que interrompe o crescimento, estagnando e regredindo o organismo (*self*). De modo que, enquanto a preocupação, concentração, interesse, atenção, excitação são características da formação saudável de figura e fundo (*gestalten*), o tédio, confusão, ansiedade, estagnação e compulsão indicam uma formação perturbada e obscura de figura e fundo (*gestalten*), e até mesmo uma falta de formação da figura (repressão) (Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

Uma *Gestalt* fica incompleta quando o processo de contato é interrompido por uma restrição social e/ou por uma decisão individual. Uma situação inacabada (ou *Gestalt* incompleta) enseja a produção de uma neurose, pois diante de uma interrupção, para sanar a ansiedade daí originada, o organismo produz uma inibição reprimida que se traduz pelo esquecimento do motivo que gerou a interrupção do contato. Assim, o *ego* perde sua função de ato (deliberação e ação) para a inibição reprimida, a qual passa a repetir o processo de interrupção do contato, sendo a neurose uma atuação habitual sem compromisso com o presente. Desta forma, é possível inferir que a adicção, na visão da Gestalt-terapia, se situa no campo das neuroses (Müller-Granzotto, 2007), o que significa dizer que a capacidade de deliberar e agir de maneira funcional estão comprometidas.

Nessa perspectiva, conforme Oliveira (2007), o indivíduo adicto, em desequilíbrio, não se dá conta de suas necessidades e não tem como estabelecer relações definidas. Por essa razão, não consegue distinguir a figura do fundo para fruir no processo de contato com o meio e, com isso, conseguir o equilíbrio ótimo, o que o leva a se alienar ao álcool e/ou drogas ilícitas na tentativa de aplacar a ansiedade proveniente da não formação da figura e fundo. Nestes moldes, os relacionamentos amorosos podem se tornar o foco da compulsão e da fissura, na tentativa de aplacar a ansiedade produzida pela situação inacabada. Por isso, a escolha por estar ou não em um relacionamento precisa ser consciente e pautada pela experiência concreta sobre como cada um ocupa o seu lugar no mundo, sobre as suas reais necessidades e sobre o espaço e as necessidades do outro. Sem isso não seria possível falar de ética e de realização interpessoal em um relacionamento, mas apenas de um uso disfuncional intensificado pela adicção.



## RELACIONAMENTOS AMOROSOS E GESTALT-TERAPIA

De acordo com Fromm (1995, citado por Scorsolini-Comin & Santos, 2010), o amor enquanto forma de fusão e constituição de uma unidade interpessoal, é a resposta mais amadurecida para os problemas da existência humana. Amar é, portanto, uma expressão do conhecimento completo que prescindir de pensamentos e palavras, capaz de determinar o modo como a relação com o mundo se produz. Logo, uma relação amorosa bem construída seria uma das expressões mais contundentes da integração holística da pessoa consigo mesma, com o outro e com o mundo.

A esse respeito, Leal (2017) afirma que o relacionamento amoroso é o encontro de dois “eus” em busca de uma terceira identidade compartilhada. O autor afirma que as *gestaltens* se finalizam no contato, onde há uma relação do eu-mundo e das fronteiras de contato como lugar de discriminação entre o eu e o não eu. Para que o contato com o outro resulte em encontros, é preciso que os limites da fronteira estejam bem claros para os indivíduos. Nesse sentido, a terceira identidade compartilhada não é a suspensão da própria “identidade”, mas a identificação dos elementos que viabilizam um encontro criativo em que os afetos e os desejos de ambos apontam na mesma direção. Se a relação fica centrada apenas a um dos participantes, fazendo com que o outro seja tomado como objeto de amor, suporte ou fator de apaziguamento das ansiedades, muito provavelmente a relação não será fruída e não haverá crescimento dos amantes.

Ribeiro (2021) apresenta um conceito que ilustra muito bem o que aqui está sendo chamado de relacionamento amoroso para a Gestalt-terapia. Trata-se do conceito de relação complementar, que dialoga tanto com Scorsolini-Comin e Santos (2010) quanto com Leal (2017). Em síntese, esse conceito indica que o humano só pode se experimentar integralmente quando se reconhece como “ser de relação” (Ribeiro, 2021, p. 166). Essa relação evoca um “nível de transcendentalidade que supera a simples relação formal” (Ribeiro, 2021, p. 167). Ou seja, todo cuidado, diálogo e afeto se sustentam em uma dimensão ética de compromisso consigo, com o próprio crescimento e com o outro.

Na atualidade, o relacionamento amoroso exerce grande influência na vida do ser humano, fornecendo-lhe definições de papéis e inserções sociais, facilitando o acolhimento do desejo amoroso, bem como a estabilização de sua própria identidade. Torna-se, portanto, um fator de estabilização social e psíquica que implica na diminuição de comportamentos antissociais tais como brigas, consumo excessivo de álcool e drogas, entre outros. Da mesma



forma, esse tipo de relacionamento colabora para a diminuição estatística da incidência de depressão, de suicídio e, também, de acidentes de trânsito por excesso de velocidade, pois há um apoio externo representado pela família constituída na relação amorosa (Gomes, 2003). Vale ressaltar que essa descrição é adequada para uma relação funcional e saudável. Isso porque, quando a relação amorosa não é criativa, suportiva e dinâmica, ela pode operar como fator de fragilização para os que dela fazem parte.

A dependência química pode prejudicar o processo de estabelecimento de uma relação complementar saudável, resultando em uma formação perturbada e obscura de figura e fundo em que não há distinção de si e do outro. Isso pode dificultar para o adicto o estabelecimento de suas relações no campo, consigo mesmo, com o mundo e com um outro indivíduo. Ter essa compreensão é fundamental para que haja uma deliberação adequada sobre o lugar que o relacionamento amoroso ocupa no seu processo de recuperação e de desenvolvimento pessoal e sobre como o outro participa disso. Para tanto, foi proposto um roteiro de entrevistas a um grupo de adictos em recuperação, com a finalidade de verificar como essa dinâmica aparece nos discursos sobre os relacionamentos amorosos. O método empregado e os resultados obtidos estão descritos a seguir.

## METODOLOGIA

Participaram desta pesquisa 10 indivíduos do sexo masculino. O critério de inclusão dos entrevistados foi a participação ativa, de ao menos um mês, nos grupos de Narcóticos Anônimos (NA). Foram deixados convites por escrito nas reuniões de NA pelos pesquisadores, e os participantes que, de modo voluntário, se dispuseram a participar da pesquisa, deixavam seu contato de telefone na ficha em questão. Trata-se, portanto, de um trabalho de caráter exploratório e orientação fenomenológica. Como base principal, o modelo de Giorgi e Sousa (2010) possibilitam uma investigação fenomenológica aplicada à Psicologia. Esse modelo propõe que os discursos sejam organizados de forma a permitir uma redução psicológica, ou seja, a identificação de unidades de sentido presentes nas falas dos participantes que tenham valor psicológico.

Foi aplicado um instrumento de coleta de dados em forma de questionário semiestruturado, contendo 12 questões: cinco fechadas, destinadas à constituição do perfil de cada entrevistado, e outras oito abertas, com intuito de investigar as percepções e os sentidos dos participantes sobre o relacionamento amoroso. Os questionários foram aplicados presencialmente e de forma individual. Após serem contatados por telefone para verificar se

atendiam ao pré-requisito de inclusão, foi agendado um encontro presencial com os participantes e, conforme a disponibilidade de cada um, foram estabelecidos a hora e o local para a entrevista. O questionário foi aplicado após obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos; antes disso, todas as dúvidas apresentadas foram elucidadas, bem como os objetivos da pesquisa, os riscos e benefícios esperados.

Após a coleta dos dados, alguns procedimentos de leitura fenomenológica foram adotados. Primeiro, a “visão global” – na qual os depoimentos de cada participante são vistos a partir de uma perspectiva global –, apontou os significados mais relevantes conforme a vivência de cada um. Depois, fez-se a divisão em “unidades de significado”, o que permitiu, por meio dos elementos significantes relatados pelos participantes, identificar as percepções e sentidos sobre o tema. Outro procedimento foi a “interpretação dos dados”, que se refere à forma de compreensão dos pesquisadores sobre cada significado relatado pelos participantes. Depois dessa interpretação, realizou-se a comparação entre os dados obtidos de cada participante a fim de mensurar tanto os dados comuns quanto as particularidades das experiências. Por último, utilizou-se da “comparação dos resultados” obtidos sobre relacionamentos amorosos e adicção, junto à literatura e fundamentação da Gestalt-terapia.

Para preservar o sigilo dos envolvidos nesta pesquisa, a nomeação foi feita por números de acordo com a sequência em que ocorreu o preenchimento dos questionários, ou seja, de P1 a P10. Cabe destacar que o presente trabalho foi respaldado pelos critérios do Conselho Nacional de Saúde, conforme a Resolução n. 466/2012 e a Resolução n. 510/2016, que regulamentam a pesquisa com seres humanos no Brasil (Brasil, 2016). Para tanto, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e foi aprovado sob o Parecer n. 3.004.425 e CAAE 95520418.1.0000.5159.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões de 1 a 5 permitiram a constituição do perfil dos participantes. Foram 10 homens com idades entre 29 e 49 anos, dos quais seis estavam casados (variando entre 6 meses e 20 anos o tempo de casados), dois divorciados e dois solteiros. O tempo de abstinência dos mesmos variou de 4 meses a 15 anos, tendo como parâmetro os critérios da Narcóticos Anônimos (1993), que prevê tal momento como o período total de abstinência de toda substância, responsável por alterar a mente e o humor e quando em caso de recaída este tempo é zerado. Por isso os convidados que aceitaram participar desta pesquisa e estavam com o período de abstinência de quatro a seis meses, já haviam passado por processos de recaída

recente e, conseqüentemente, tiveram seu tempo abstêmio zerado. Estes homens são membros Narcóticos Anônimos há mais de dez anos.

A sexta questão buscou identificar como o entrevistado imagina um relacionamento amoroso. O interessante dessa questão foi o fato de ela permitir um vislumbre sobre as expectativas e fantasias que os indivíduos formulam sobre o tema. Todos os 10 participantes destacaram temas como amor, afeto, respeito e cumplicidade. Esse resultado dialoga com as considerações de Ribeiro et al. (2011), que afirma que ao falar sobre as formas de relacionamentos amorosos, o amor romântico surge no campo das ideias, dotado de expressões de compatibilidade, respeito e complementaridade, as quais passam a ser extremamente valorizadas com repercussões significativas na vida das pessoas. O que chama a atenção foi que nenhum dos participantes trouxe temas como desafios, conflitos e amadurecimento como parte do que se espera de um relacionamento. Sem o enfrentamento das dissonâncias é praticamente impossível estabelecer um nível adequado de contato para se produzir aquilo que Ribeiro (2021) chamou de relação complementar.

Na relação complementar duas pessoas dão e trocam mutuamente aquilo que lhes faz falta. Quando a expectativa ocupa o lugar da relação real, ao invés da troca, o que se apresenta é a demanda neurótica “baseada na fome, na privação e na desigualdade” (Ribeiro, 2021, p. 168). Isso gera apego exagerado e, ao contrário da troca, corre-se o risco de uma alienação de si no outro ou do outro no mesmo. Sendo assim, as respostas dos 10 participantes para a questão 6 gerou uma atmosfera de expectativa romântica que, em certa medida, poderia facilmente se deteriorar em uma relação tóxica.

A questão 7 buscou colocar em análise a perspectiva pessoal do participante ao perguntar “o que o relacionamento significa para você?”. A concretude imposta pela pergunta evocou temas muito pertinentes. O indivíduo P1, por exemplo, na questão anterior trouxe a seguinte caracterização: “Relacionamento amoroso é uma relação de troca, ajudar um ao outro, ceder quando necessário (...) é companhia, atenção, compreensão (...). É calma nos dias conturbados e apoio”, já nesta questão, sua perspectiva foi:

Não sei me relacionar, sou obsessivo, ciumento, controlador, quero comprar a companhia e atenção do outro, faço o possível e impossível pela outra pessoa e quando não recebo em troca as mesmas coisas que dou para outra pessoa, isso me causa dor, insatisfação. Relacionamento amoroso significa para mim: dor, sofrimento, pensamentos obsessivos, controlar os passos e a vida da outra pessoa.

A resposta de P1 foi destacada das outras por dois motivos. Primeiro, por indicar de forma bastante contundente como a idealização pode causar uma frustração significativa; segundo, cruzando com as informações do perfil, esse entrevistado teve uma recaída recente e atribuiu isso ao relacionamento que tinha. P1 caracterizou o relacionamento como “abusivo”, a experiência de um relacionamento disfuncional acabou por colocá-lo em uma situação de vulnerabilidade à recaída. O indivíduo P7, limpo há 4 anos e divorciado, também aponta a mesma direção em sua resposta. As expressões “dor” e “tristeza” se fizeram presentes no modo como ele caracterizou o relacionamento amoroso; e quando perguntado se teve algum relacionamento amoroso enquanto estava “limpo”, tema da questão 12, relata que não conseguiu.

Para ambos (P1 e P7), fica evidente a dificuldade de se compreender enquanto indivíduos separados do (s) outro(s). Essa mistura não permite um contato genuíno e, portanto, não se torna um fator de crescimento e amadurecimento pessoal. Rogers (1977) explica que o relacionamento só é significativo e só merece ser preservado quando constitui uma experiência que realça a individualidade e, na mesma medida, promove o crescimento de cada um dos parceiros. Isso, pois, se sustenta na compreensão da Gestalt-terapia de que uma experiência de crescimento depende do nível de *awareness* e da qualidade do contato produzido, como já mencionado.

Para os outros respondentes da questão 7, o significado de relacionamento amoroso foi apresentado como algo que ajuda no processo de recuperação e serve muitas vezes de base para o crescimento e desenvolvimento pessoal. Cabe destacar as respostas de P2, P3, P4, P5, P8 e P9, que estavam casados no momento da entrevista, e cujas falas apontaram uma compreensão de compromisso mútuo e dos limites da experiência concreta de convivência. A convivência claramente trouxe um impacto importante para o processo de autocompreensão e compreensão dos limites na relação com o meio. As respostas de P6, divorciado, e P10, solteiro, ficaram em uma dimensão mais moral, expressando aquilo que é “esperado” e “bom”, isto é, respostas sem um engajamento na realidade concreta, apenas na expectativa.

Oliveira (2007) sugere que a busca de equilíbrio na relação organismo/meio pode ser observada por meio da distinção da figura e fundo, havendo um limite de contatos com o meio e a satisfação de suas necessidades. Em um organismo saudável, por exemplo, há um fruir no processo de contato com o meio seguido de um afastamento. Como há o fechamento de uma *gestalt*, tornando suas percepções significativas, torna-se possível a distinção de figuras e fundo. No entanto, quando um organismo não está em seu equilíbrio ótimo e não consegue fazer a formação da figura, há uma interrupção no processo de fruição. Dessa forma, o indivíduo não

consegue perceber suas necessidades dominantes ou definir sua própria relação com o meio, mas antes apresenta alterações nos processos funcionais de contatos e afastamento; o que acaba resultando em uma distorção de sua existência enquanto organismo unificado, podendo gerar angústia e sofrimento ao indivíduo.

A resposta de P5, casado há 19 anos e com o tempo de abstinência de seis anos, demonstra que o relacionamento amoroso é visto como algo bom:

significa uma ordem natural da natureza (...), cuidar do outro, zelar pelo outro resulta em cuidados de uma pessoa pela outra, no meu caso relacionamento amoroso foi a melhor coisa que já aconteceu em minha vida, através do amor do outro eu aprendi a me amar mais.

Ao comparar as respostas de P1 e P5, pode-se perceber que o fato de problematizar o relacionamento amoroso no processo de recuperação de um adicto é algo importante e precisa ser acompanhado, pois da mesma forma que um relacionamento pode ser fator de proteção, quando o adicto não está bem integrado consigo mesmo e consciente de suas expectativas e fantasias, o relacionamento pode ser fator de risco.

Ante a incapacidade de o organismo se dar conta de suas próprias necessidades e de formação da figura, o que é característico da perda das funções do ego, os indivíduos, a fim de aplacar a ansiedade das necessidades não supridas, recorrem aos ajustamentos neuróticos. De acordo com Müller-Granzotto (2007), a neurose é o comprometimento da função do *ego* diante de uma interrupção no fluxo de contato do *self* (excitamento), de modo que os ajustamentos neuróticos são tentativas de o organismo eliminar a ansiedade causada pela interrupção do excitamento, sendo que o que fica no lugar da função de *ego* é uma inibição neurótica. Assim, na resposta de P1 é possível observar a produção de um ajustamento neurótico. Noutros termos, a confluência quando o indivíduo se confunde com o outro sem discriminação das identidades, negando as individualidades do outro e tentando torná-lo uma extensão de si mesmo. Há, nesse processo, um controle ferrenho nas relações interpessoais, permitindo ao *self* assimilar apenas um sentimento de vazio. A neurose produz relações complementares doentias, principalmente quando um dos dois não consegue mais viver sem o outro. Assim, o outro torna-se necessidade e a identidade se esvazia sem a sua presença (Ribeiro, 2021).

Na questão 8 foi sugerido aos participantes que respondessem sobre quais as principais características percebidas por eles acerca do relacionamento amoroso. Observou-se que para os indivíduos P2, P3, P4, P5, P8, P9 e P10 houve um alinhamento sobre o relacionamento

amoroso, que foi caracterizado como: parceria; compromisso; cuidado e compreensão um com o outro; responsabilidade e troca de experiências. De acordo com Ribeiro et al. (2011), do ponto de vista ideológico, o relacionamento amoroso passou a apresentar valores como liberalismo e individualismo. Na sociedade ocidental, há o destaque para as grandes transformações econômicas, sociais e culturais do séc. XX que contribuíram com o redirecionamento das formas de relacionamentos para o “amor confluyente”, em que dar e receber ganham dimensões semelhantes. Isso se alinha à compreensão de relação complementar proposta por Ribeiro (2021), quando o autor destaca que essa forma de relação se caracteriza “[pelo] processo através do qual duas pessoas se encontram a fim de se dar ou trocar mutuamente aquilo de que sentem falta” (p.167).

A referida forma de amor pôde ser observada, à guisa de ilustração, na resposta de P8, casado há 10 anos e abstêmio há sete anos: “percebo que existem fases difíceis, que juntos podemos viver e resolver juntos”. Também na resposta de P2 se observa o mesmo sentimento, casado há 20 anos e abstêmio há quatro meses: “algo necessário e válido, faz parte do amadurecimento do indivíduo, (...) é a integração e adequação de suas expectativas”.

Já na resposta de P1, solteiro e abstêmio há quatro meses, ele diz: “apesar dos dias de solidão, consigo levar a minha vida bem melhor sem. Um relacionamento amoroso me faz ficar obsessivo, eu ficando obsessivo não consigo focar nas coisas práticas da vida”. P6 e P7 também apontam nessa direção, com expressões como “fuga” e “sem lógica”. P6 e P7 estão abstêmios há 15 anos e 4 anos, respectivamente; sendo o primeiro divorciado e o segundo solteiro. Os três indivíduos não conseguiram encontrar no relacionamento amoroso um lugar para o desenvolvimento pessoal e nem para a manutenção da abstinência. Isso abre uma questão sobre o porquê de alguns terem o relacionamento amoroso como suporte e outros como fator de risco – assunto este a ser tratado na sequência.

Na questão 9, quando convidados a falar sobre qual o significado de estar ou não em um relacionamento amoroso, pode-se observar que aqueles que responderam “não”, demonstraram o desejo de estar em um. O fato de não estarem em um relacionamento amoroso faz com que se sintam frustrados e tristes, conforme as respostas de P1 e P7. P1, solteiro e abstêmio há quatro meses, respondeu: “O fato de não estar em um relacionamento amoroso me causa certa frustração porque acho que é normal para um ser humano na minha idade, às vezes me sinto sozinho, mas apesar de tudo consigo viver melhor assim”. Já P7, divorciado e abstêmio há quatro anos, disse “[estar] muitas vezes significa estar alegre e não estar significa triste”.

Já nas respostas dos demais participantes para a mesma pergunta, observou-se que estar em um relacionamento amoroso significa ocupar um lugar de responsabilidade, respeito e

compromisso com o outro, bem como ter um suporte para a recuperação. Destaca-se a resposta de P2, casado há 20 anos e abstinência há quatro meses: “quando estou me relacionando se torna uma oportunidade de desenvolver e aperfeiçoar qualidades como: empatia, compreensão, respeito, liberdade. Quando não estou me apresenta outras oportunidades de me relacionar comigo mesmo”. Também interessa a resposta de P5, casado há 19 anos e abstinência há seis anos: “estar em um relacionamento amoroso para mim significa deixar que o outro possa me orientar, ajudar a lidar melhor com coisas cotidianas, na qual eu sozinho não consigo ou teria dificuldades para lidar sozinho”. Ainda nesse sentido, vale mencionar a resposta de P9, casado há quatro anos e abstinência há seis anos, para quem “estar em um relacionamento significa responsabilidade e compromisso; não estar me sinto bem, mas com necessidade de estar com alguém”.

O lugar de sentido da experiência do indivíduo e onde ele estabelece suas relações é no campo. Segundo Vale (2011), é neste local onde se vive uma constante relação consigo mesmo, com o mundo e com o outro, influenciando e sendo influenciado. Desse modo, a função do organismo é a de integração no ambiente; nesse sentido, o relacionamento amoroso é um campo relacional do casal onde ocorrem as interações no contexto de cada indivíduo.

Pelas respostas dos participantes, fica evidente que estar em um relacionamento amoroso tem um valor positivo, pois este é entendido como lugar de trocas e complementaridade. Müller-Granzotto (2007) aponta para as experiências de amar e fazer amor; perceber; mover-se para algum lugar; comunicar e aprender como expressões do contato saudável do organismo com o meio. Contatar é, portanto, o crescimento de um organismo saudável e o relacionamento amoroso aparece como um lugar privilegiado para se vivenciar essa experiência.

Na questão 10, sobre a importância do relacionamento, observou-se nas respostas de alguns dos participantes que se encontram há um tempo considerável “limpos”, que o relacionamento amoroso serve de apoio para sua recuperação às drogas, dando um novo sentido para suas vidas. Na resposta de P3, casado há seis meses e abstinência há seis anos, ele disse: “significa e representa minha nova base familiar, a importância de não me sentir sozinho e de ter comprometimento com o outro”. Da mesma forma, na resposta de P4, casado há quatro anos e abstinência há sete anos, destaca-se o trecho: “para mim é importante porque eu sei que tenho uma pessoa ao meu lado que posso contar em todos os momentos”. P5, casado há 19 anos e abstinência há seis anos, respondeu da seguinte forma a mesma pergunta: “a importância de não seguir um caminho com minhas opiniões próprias na qual muitas vezes me engano que estou correto, mas não é bem assim. A grande importância é que decidimos juntos o melhor a seguir”.



Diante do que foi apresentado, observa-se que os participantes abstêmios há um tempo substancial, casados ou solteiros, demonstraram em suas respostas a importância do relacionamento amoroso como algo bom para seu desenvolvimento e sua recuperação. Porém, desde que tenham clareza dos seus limites, de sua individualidade e do lugar do outro para que haja o crescimento saudável do organismo na relação amorosa. Isso fica claro na resposta de P6, divorciado e abstêmio há 15 anos: “Há anos atrás diria que seria uma das coisas mais importantes hoje diria que [o relacionamento em si mesmo] não é tão importante, necessário sim desde que seja saudável”. Nesta questão foi possível perceber que todos os respondentes apontaram para o relacionamento como “importante” desde que “saudável”, “construtivo” e com “sentido”. Já com relação às formas como esses processos são construídos, são marcadas fortemente pelo modo como cada um se relaciona com a drogadição. Quanto maior for o nível de consciência sobre o poder da “droga” na trajetória pessoal, mais realista a compreensão sobre o relacionamento amoroso. Isso foi possível de ser verificado na questão seguinte.

Na questão 11, ao associarem a adicção e o relacionamento amoroso, observou-se que em ambos os casos existe a obsessão e a compulsão. Esse ponto remete ao que ressalta Ribeiro (2022), de que “somos seres de relação”. Todavia, uma relação que se constitui sem consciência de si, comprometimento ético e, mais importante ainda, sem produzir crescimento, tende a se tornar nociva. Um encontro amoroso e o relacionamento advindo dentro desse cenário não pode ser a substituição da falta, do buraco deixado pela compulsão pela droga; pois se assim for, ele não acontecerá de modo saudável.

Na resposta de P6, divorciado e abstêmio há 15 anos, é possível identificar temas como obsessão-compulsão. Em sua fala, ele diz: “a adicção está em todas as áreas da vida de um adicto, também no amoroso e geralmente aflora a obsessão, compulsão, controle, ressentimento, raiva, medo e outros sentimentos”. De igual modo, a resposta de P10, solteiro e abstêmio há cinco meses, caminha na mesma direção: “na adicção eu fico obsessivo e compulsivo e no meu relacionamento amoroso eu sofro devido a minha obsessão pela pessoa e a compulsão pelo sexo”.

No entanto, na resposta de P5, casado há 19 anos e abstêmio há seis anos, percebe-se que apesar de existir compulsão e obsessão pela droga, o relacionamento amoroso funciona como suporte para sua recuperação:

A adicção é um relacionamento muito estranho e ainda em processo de adaptação, pois ainda acredito que muitas de suas características sejam coisas do meu caráter, mas com

meu relacionamento amoroso, ou seja, minha esposa me ajuda a enxergar e como lidar com todos e a sermos felizes.

A resposta de P2, casado há 20 anos e abstêmio há quatro meses, demonstrou certa dificuldade: “é a área mais difícil a ser trabalhada, como a adicção é algo ego centrado, conseguir enxergar o outro nem sempre é possível”. Percebe-se a dificuldade para distinguir os limites de si e do outro, sendo que a diferença no perfil entre P5 e P2 é o tempo de abstinência. Por fim, a resposta de P7, divorciado e abstêmio há quatro anos, em que ele se diz: “ainda confuso, confundo muito a obsessão e a posse com a paixão e o bem querer e às vezes isso me desequilibra, causando dor, medo e insegurança”, corrobora a tese inicial de que para um adicto a compreensão de seu funcionamento e o estabelecimento de uma fronteira de contato saudável é fundamental para que o relacionamento amoroso seja um fator de proteção e suporte.

Na questão 12, os participantes foram convidados a falarem algo que não puderam falar nas questões anteriores. O P10 não quis complementar nada e todos os outros foram unânimes ao dizer que um relacionamento amoroso é importante, mas quando relacionados à adicção é preciso que seja muito trabalhado e contextualizado. A resposta de P4 foi bem ilustrativa sobre isso: “Para mim, como adicto, relacionamento é muito importante, aprendo todo dia a pensar não só no meu bem-estar (...) isso me ajuda a crescer e ser menos egocêntrico”. E a resposta de P9, para quem: “Relacionamento e adicção podem conviver bem, estando em recuperação e buscando ajuda”, o que indica o caminho inicial de investigação deste trabalho, isto é, de que para um adicto, o estabelecimento de um vínculo amoroso precisa estar alicerçado na compreensão de seu próprio processo de recuperação e ser tema de estratégias de apoio e orientação, seja dos encontros de NA ou dos processos terapêuticos de cada um.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o assunto é drogadição, como ponto de partida pode-se admitir que se trata de um contexto extremamente complexo, permeado por desdobramentos em todas as dimensões da vida do indivíduo e de seus familiares. Isso se estende, com certeza, para o âmbito dos relacionamentos amorosos.

Quando este estudo foi iniciado, o objetivo inicial era verificar se os relacionamentos amorosos são importantes para o processo de recuperação do adicto e como poderia ser caracterizado esse fenômeno a partir das descrições dos próprios indivíduos que convivem com essa condição. Ao analisar as respostas dos 10 participantes, pode-se perceber que, pelo menos

nesse grupo, existe uma correlação entre a drogadição e os relacionamentos amorosos. Para aqueles que se mantiveram mais tempo “limpos” (maior tempo de abstinência) e conseguiram reconhecer seus limites, seus funcionamentos e produzirem um bom fluxo de *awareness*, os relacionamentos ganharam contornos de suporte e proteção. Porém, para aqueles que, mesmo estando “limpos” não avançaram significativamente no seu processo de autoconhecimento, mantendo uma fronteira de contato ora muito fluida, ora muito rígida, os relacionamentos se tornaram fator de vulnerabilidade. Neste sentido, não há grandes diferenças entre os modos como o relacionamento amoroso se dá para um adicto e para um não-adicto, com a diferença de que o fracasso do relacionamento para este primeiro, pode vir a se tornar um forte indicador de risco de recaídas.

Essa compreensão é importante no que diz respeito ao acompanhamento dos adictos em recuperação, pois indica que o tema dos vínculos amorosos deve ser tomado constantemente como parte do processo de enfrentamento da dependência química. Não se pode naturalizar a compreensão de que todo vínculo é fator de proteção. É preciso tomar cada caso, compreendê-lo adequadamente para que os sentidos e orientações terapêuticas sejam construídos a partir da experiência concreta do indivíduo e não apenas com base na literatura ou em premissas pessoais.

A contribuição da Gestalt-terapia para este tema se dá na compreensão desses indivíduos primeiro tidos como pessoas, e como tal, cheios de possibilidades, abertos a relações e com potencial de desenvolvimento criativo e ético frente ao mundo e ao outro. Um adicto é maior do que sua adicção e é fundamental que ele possa estabelecer relações significativas e amorosas. Talvez, para isso, antes seja importante entrar em contato consigo mesmo, com sua biografia e suas expectativas. Em seguida, implicar-se no seu processo de recuperação até adquirir mais consciência de si e do papel do outro, tornando a relação com o campo mais nutritiva e a formação de figuras mais fortes. A partir disso, as relações amorosas podem se tornar fator importante de recuperação e manutenção da abstinência, tal como foi possível entrever em alguns dos casos descritos nesta pesquisa.

Esta pesquisa apresenta limitações próprias de uma amostra exploratória. É preciso avançar na reflexão com novas investigações, com maior número de participantes e novos recortes metodológicos a fim de construir um quadro mais fidedigno dessa complexa relação entre adicção e relacionamentos amorosos.

## REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. APA. (2002). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. DSM-4. Porto Alegre: Artmed.
- American Psychiatric Association. APA. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. DSM-5. Porto Alegre: Artmed.
- Brasil (2016). Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*, (98) 44-46.
- Cardella, B. H. P. (1994). *O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica*. São Paulo: Summus.
- Dilthey, W. (2008). *Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Corvilhã: Universidade da Beira Interior.
- Giogi, A., & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gomes, P. B. (2003). Novas formas de conjugalidade: visão panorâmica da atualidade. In P. B. Gomes (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares* (pp. 13-40). São Paulo: Callis.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2009). *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Leal, S. R. P. C. (2017). Conjugalidade e amor: um olhar da Gestalt-terapia na prática clínica. *Igt na Rede*, Rio de Janeiro, 14(26), 51-71. Recuperado 12 abr. 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180725262017000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180725262017000100004&lng=pt&tlng=pt)
- Moreira, N. M. (2015). *Eu, Drogado? Um Olhar Gestaltista para a Pessoa que usa Substâncias Psicoativas Ilícitas*. Pró-Reitoria de Graduação - Escola de Saúde Curso de Psicologia. (Trabalho de Conclusão de Curso), Universidade Católica de Brasília, Brasília. <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/123456789/8818/1/N%C3%A1diaMeirelesMoreiraTCCGraduacao2015.pdf>
- Müller-Granzotto, M. J. (2007). *Fenomenologia e Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Narcóticos Anônimos. (1993). *Texto básico*. 5ª ed. Califórnia: Word Services.
- Oliveira, I. B. S. (2007). *Tecendo saberes: fenomenologia do tratamento da dependência química* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Pará, Belém. <http://www.ppgp.ufpa.br/dissert/Ingrid.pdf>
- Perls, F. S., Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.

- Ribeiro, F. M. L., Avanci, J. Q., Carvalho, L., Gomes, R., & Pires, T. O. (2011). Entre o 'ficar' e o namorar: relações afetivo-sexuais. In M. C. S. Minayo (Org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* (pp. 55-86). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Ribeiro, J. P. (2021). *Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2022). *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, M., & Laranjeira, R. (2007). Evolução do conceito de dependência química. Em A. Gigliotti & A. Guimarães, *Dependência, compulsão e impulsividade* (pp. 09-18). Rio de Janeiro: Rubio.
- Rogers, C. (1977). *Psicoterapia e relações humanas*. (Vol. 1). Belo Horizonte: Interlivros.
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2010). Relacionamentos afetivos na literatura científica: uma revisão integrativa sobre a noção de conjugalidade. *Psicol. Am. Lat., México*, (19). Recuperado em 12. abr. 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870350X2010000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2010000100009&lng=pt&tlng=pt)
- Vale, K. S. (2011). *A relação conjugal em debate: uma análise gestáltica*. 92f. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Pará, Belém. Recuperado em 12 out. 2022, de <https://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5176>

---

**Dionatans Godoy Quinhones:** Filósofo, Psicólogo, Doutorando em Psicologia pela UFPR; docente do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados.  
**E-mail:** dionatansquinhones@ufgd.edu.br

**Fábio Henrique Alves Cipriano.** Psicólogo, Gestalt-terapeuta.  
**E-mail:** alvescipriano@hotmail.com

---

Recebido em 22.04.2023

Primeira decisão editorial em 15.06.2023

Aceito em 21.08.2023